

EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA ANÁLISE DO TRANSPORTE ESCOLAR RURAL NA PERCEPÇÃO DOS ALUNOS

EDUCACIÓN EN EL CAMPO: UN ANÁLISIS DEL TRANSPORTE ESCOLAR RURAL EN LA PERCEPCIÓN DE LOS ESTUDIANTES

Aluna: Ingrid da Silva Gularte

Orientadora: Profa. Dra. Flaviani Souto Bolzan Medeiros

RESUMO

O transporte escolar rural hoje é o alicerce para o desenvolvimento dos estudos das pessoas residentes do campo, responsável pelo acesso e a permanência dos mesmos. E embora o serviço esteja sendo oferecido, cabe-se ressaltar que são muitas as dificuldades enfrentadas pelos alunos usuários do transporte escolar rural. Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é analisar o transporte escolar rural na percepção dos alunos, ao conhecer como é o acesso dos estudantes ao transporte escolar rural, identificar as dificuldades encontradas pelos discentes e apurar em que condições o aluno está ao chegar à escola. Para isso, adotou-se uma pesquisa de natureza quantitativa, que proporcionou tradução em números dos dados coletados, bem como fazer as análises posteriores necessárias e de abordagem descritiva facilitando a descrição da percepção dos alunos do campo, objetos dessa investigação. Entre os principais resultados obtidos destaca-se a identificação de obstáculos a serem vencidos pelo transporte escolar rural que se tornam agravantes do comprometimento do rendimento escolar. Com a realização desta pesquisa foi possível conhecer a realidade do serviço que é ofertado aos alunos e assim concluir que embora o transporte escolar Rural de Santana do Livramento/RS possua resultados positivos se comparado a outros municípios, ainda assim, possui problemas que merecem a atenção das autoridades responsáveis pelo serviço de transporte escolar, para que sejam resolvidos.

Palavras-chave: Educação do campo; Transporte Escolar Rural; Percepção dos Alunos

RESUMEN

El transporte escolar rural hoy es la base para el desarrollo de los estudios de las personas que viven en el campo, responsables de su acceso y permanencia. Y aunque se está ofreciendo el servicio, cabe señalar que son muchas las dificultades que enfrentan los estudiantes que utilizan el transporte escolar rural. Teniendo en cuenta lo anterior, el objetivo de este trabajo es analizar el transporte escolar rural en la percepción de los estudiantes, conociendo cómo acceden los estudiantes al transporte escolar rural, identificando las dificultades que encuentran los estudiantes y averiguando las condiciones en las que se encuentra el estudiante al llegar a su destino. escuela. . Para ello, se adoptó una investigación cuantitativa, que proporcionó la traducción en números de los datos recolectados, así como la realización de los análisis posteriores necesarios y un enfoque descriptivo,

facilitando la descripción de la percepción de los estudiantes de campo, objetos de esta investigación. Entre los principales resultados obtenidos, se destaca la identificación de obstáculos a superar por el transporte escolar rural, los cuales se convierten en agravantes que comprometen el rendimiento escolar. Con la realización de esta investigación fue posible conocer la realidad del servicio que se ofrece a los estudiantes y así concluir que aunque el Transporte Escolar Rural de Santana do Livramento/RS tiene resultados positivos en comparación con otros municipios, aún así, tiene problemas que ameritan la atención de las autoridades responsables del servicio de transporte escolar, para que puedan ser resueltos.

Palabras clave: Educación de campo; Transporte Escolar Rural; Percepción de los estudiantes.

1 INTRODUÇÃO

A complexa realidade brasileira, considerando sua dimensão continental, torna extremamente difícil a execução de políticas públicas que consigam atender as demandas de todos os locais, principalmente quando se trata da educação escolar. O ensino público nacional além de ofertar vagas escolares, também tem como responsabilidade disponibilizar um meio para os alunos chegarem até as escolas. O transporte escolar rural hoje é o alicerce para o desenvolvimento dos estudos das pessoas residente do campo, responsável pelo acesso e a permanência dos mesmos, que são 15,28% dos brasileiros, conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2015).

De acordo com a Cartilha do Transporte Escolar (2015), o mesmo tem por encargo levar os estudantes da sua residência até a instituição de ensino mais próxima. Este serviço atende milhares de alunos, fazendo uso de veículos próprios da Prefeitura Municipal ou de veículos terceirizados, que foram contratados através de processo licitatório. Existem, atualmente, três programas voltados ao transporte escolar rural, a saber: o Caminho da Escola, que fornece ônibus, lanchas e bicicletas escolares fabricados de acordo com as especificações de cada região; o Programa Nacional de Apoio ao Transporte (PNATE), que destina recursos financeiros para custear despesas com o transporte e também custeia os serviços terceirizado contratados para o transporte escolar e no Rio Grande do Sul foi criado o Programa Estadual de Apoio ao Transporte Escolar (PEATE), que hoje é um dos instrumentos que garantem o acesso e permanência dos alunos as escolas, assim como o desenvolvimento e execução das políticas educacionais do Estado.

Um dos muitos desafios enfrentados pela população brasileira é, sem dúvida, o acesso a infraestrutura escolar. Quando se fala em ensino do campo, o que torna uma escola acessível, não se refere a quantidade de vagas em uma escola, mas sim, sobre a possibilidade de os alunos chegarem a ela. Mesmo com o serviço sendo oferecido, é válido ressaltar que há muitas dificuldades enfrentadas pelos estudantes. Nesse sentido, como no campo cada vez existem menos escolas, a distância percorrida pelos alunos é cada vez maior, há dificuldades no deslocamento, seja pelas estradas inadequadas, sem condições de trânsito; pelo cansaço dos alunos que acordam muito cedo para poderem frequentar a escola e ainda muitos percorrem quilômetros até o embarque/desembarque no transporte.

Além disso, pode-se citar ainda a questão dos veículos desconfortáveis considerando a extensão do trajeto, perda de aulas em consequência da falta de transporte no período das chuvas onde as estradas ficam intransitáveis, entre outros tantos obstáculos que geram, muitas vezes, desgastes físicos e emocionais para se conseguir chegar à escola. Ademais, os docentes do campo acabam por viver esta realidade junto aos alunos, uma vez que muitos também utilizam do transporte escolar rural para chegar à instituição de ensino, considerando que dependendo do local não tem como fazer uso de seu veículo particular pela precariedade das estradas e em alguns casos durante a semana tem de morar na escola, pois o transporte não pode trazê-los todos os dias a cidade.

Muitas vezes, encontram em sala um grande desafio, com alunos aparentando estar desinteressados quando, na verdade, só estão exaustos da rotina de acordar cedo, da longa espera por ônibus e depois um trajeto ainda mais extenso para chegar à escola, “comendo” poeira ou molhados pela chuva. Outrossim, Alencar (2013) defende que não existe na educação brasileira formação voltada aos docentes do campo, os mesmos têm treinamento para trabalhar na rede urbana e acabam deparando-se com outra situação totalmente adversa, sem preparo para tal.

A educação do campo tem uma realidade adversa a educação urbana, muitas vezes a falta de comunicação por não ter sinal de telefone ou internet, empregos em grande maioria braçais, já deixam claro o estereótipo de alunos e a necessidade dos mesmos por um ensino que possa oferta-los uma oportunidade de vida e sua única maneira de locomoção para chegar a este objetivo, é pelo transporte escolar rural. Para Pantoja (2021, p. 12), “a busca por uma educação que atenda às necessidades dos povos do campo é incessante por muitos representantes e chefes de famílias de comunidades campestres que visam uma realidade diferente para seus filhos e para as próximas gerações”. Acredita-se que estas situações causam impactos negativos no rendimento escolar dos alunos.

Diante do exposto, a proposta dessa pesquisa norteia-se pela seguinte questão: Qual a percepção dos alunos a respeito do transporte escolar rural? Visando responder esta questão, estabeleceu-se como objetivo geral analisar o transporte escolar rural na percepção dos alunos. Para o alcance do objetivo geral, delineou-se os seguintes objetivos específicos: a) conhecer como é o acesso dos estudantes ao transporte rural; b) identificar as dificuldades encontradas pelos discentes; e c) apurar em que condições o aluno está ao chegar à escola.

O presente artigo surgiu da necessidade de se conhecer mais esta realidade, pela preocupação com os alunos usuários do transporte escolar rural. Sobretudo, quando levado em conta que “na área da educação, um dos principais problemas encontra-se no acesso dos alunos às escolas rurais e o longo período de permanência nos veículos de transporte” (GOULART; MORAIS; VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 2). “O transporte é parte fundamental para que haja uma maior eficiência no sistema educacional” (PALARO, 2017, p. 10).

Logo, as investigações norteadas para o transporte escolar rural são de suma importância levando em conta que a evasão escolar, ou seja, quando o aluno deixa de frequentar as aulas, é um dos indicadores marcantes quando se estuda sobre os educandos do campo. Inclusive, Santos e Pinheiro Neto (2017) alertam que a evasão escolar no campo é muito mais intensa do que a da zona urbana. Torna-se então necessário olhar criticamente as questões relacionadas a realidade dos alunos do campo e se o princípio da eficiência expresso na Constituição Federal de 1988 está sendo cumprido. Porém, Silva (2018) chama atenção para o fato de que o

tema, embora decisivo para as políticas de escolarização e diretamente ligado à evasão dos alunos, ainda é pouco debatido.

O transporte escolar para os estudantes do campo representa um grande desafio que tem de ser superado. Acredita-se que a relevância social desta pesquisa se encontra na linha de pensamento de Alencar (2013) em pensar sobre a situação do campo e com esta reflexão, expandir o diálogo entre culturas, identificando quais são as dificuldades encontradas no transporte escolar rural, e assim, propor modificações que venham a melhorar o serviço, a baixa qualidade de ensino e, sobretudo, evitar a evasão dos discentes.

Quanto à estrutura, esta pesquisa está organizada em mais dois capítulos, além deste introdutório. No capítulo seguinte encontra-se o referencial teórico dividido em três tópicos, a saber: o primeiro descreve sobre a educação do campo, o segundo versa sobre os sujeitos da educação do campo e o terceiro sobre dificuldades, impasses e desafios enfrentados pelos mesmos. O terceiro capítulo discorre sobre os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. O quarto capítulo remete a análise e discussão dos resultados e o quinto e último capítulo contempla as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A seguir, serão expostos os seguintes tópicos: o contexto histórico da educação do campo, em seguida, os seus sujeitos da educação do campo e no último as dificuldades, impasses e desafios.

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

De acordo com Breitenbach (2011), o Brasil que foi colônia durante mais de 300 anos não se tinha como prioridade desenvolver um sistema educacional, principalmente para os trabalhadores do campo, logo, não havia a necessidade de saber ler e escrever para trabalhar com terra. Segundo Ghiraldelli Junior (2006), apenas a partir de 1930, a educação começou a ter uma atenção maior, principalmente pelo Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) e pelo desenvolvimento da urbanização e da industrialização do país, que fez com que grande parte do povo brasileiro começasse a idealizar uma realidade diferente para seus filhos, longe do trabalho braçal.

Após a década de 30 do século passado, a escola institucionalizou-se no campo, porém, não foi levado em conta “a população a quem se destinava, o contexto onde estava situada, as relações sociais, produtivas e culturais e a necessidade de formação sócio profissional desse povo” (SILVA, 2004, p. 2). Silva (2004) ainda complementa dizendo que a partir de 1950 o discurso urbanizador foi muito forte, pregava-se ser necessária a fusão do campo com a cidade, logo que o desenvolvimento industrial logo faria o rural desaparecer e fazendo uso da mesma alegação, com a necessidade de progresso das elites dominantes no período da Ditadura Militar (1964-1985), que tinham como objetivo principal tornar o Brasil uma potência no cenário internacional e o analfabetismo sendo um impasse para tal, implantaram no país inúmeras campanhas de alfabetização, porém a ditadura já enfraquecia.

Breitenbach (2011) relata que na década de 80, após o enfraquecimento e fim da Ditadura Militar, foi necessária a redemocratização do país e em consequência a elaboração de uma nova Constituição Federal, decretada e promulgada em 1988, nela afirmou-se a gratuidade e obrigatoriedade do Ensino. Em contraponto, Rocha, Passos e Carvalho (2005) advogam que mesmo o Brasil sendo um país quase a totalidade de origem agrária a educação do campo nem se quer teve menção nos textos constitucionais até o ano de 1891, o que deixava claro o descaso dos dirigentes. Fica claro para Rocha, Passos e Carvalho (2005, p. 1) que:

Esse panorama condicionou a história da educação escolar brasileira e deixou como herança um quadro de precariedade no funcionamento da escola do campo: em relação aos elementos humanos disponíveis para o trabalho pedagógico, a infraestrutura e os espaços físicos inadequados, as escolas mal distribuídas geograficamente, a falta de condições de trabalho, salários defasados, ausência de formação inicial e continuada adequada ao exercício docente no campo e uma organização curricular descontextualizada da vida dos povos do campo.

De acordo com Silva e Souza (2021) dessa inquietação nasce a Educação do Campo como expressão das lutas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que de 1988 em diante, travaram muitas lutas, embates e conquistas de políticas educacionais pelos povos do campo. Brandão (2021) permite concluir que a Educação do Campo é decorrente das práticas educativas desenvolvidas nas escolas itinerantes dos acampamentos do MST, que eram realizadas em lonas embaixo das árvores, as escolas são resposta as mobilizações internas do Movimento, que são conquistas de uma longa batalha pelo direito à educação que por anos foi negada pelos poderes públicos.

Conforme Breitenbach (2011), no Rio Grande do Sul, em 1996, essas escolas ganharam legitimidade, aprovadas pelo Conselho Estadual de Educação, resultado de uma grande luta pela educação do e no campo e não apenas para o campo. Dessa batalha nasce outra que começa a ganhar contorno nacional, chamada por Munarim (2008) de Movimento Nacional de Educação do Campo, constituída por movimentos e organizações sociais sólidas, que tem seu foco totalmente voltado a assumir a luta por uma educação própria aos povos do campo.

Bezerra Neto (2012) destaca que partir do final dos anos 1990 e início do século XXI, surgiu um movimento autodenominado “Por uma Educação do Campo”, onde busca-se uma educação especificadamente para aqueles que vivem e trabalham no campo, ou seja, uma educação “do campo”. Esse termo utilizado, “do” campo, é parte de inúmeras discussões até os dias atuais, logo não se restringe apenas ao termo, mas sim, ao sentido, na busca incessante por um protagonismo para os povos do campo, como relata Caldart (2009, p. 41):

Na sua origem, o “do” da Educação do campo tem a ver com esse protagonismo: não é ‘para’ e nem mesmo ‘com’: é dos trabalhadores, educação do campo, dos camponeses, pedagogia do oprimido... Um ‘do’ que não é dado, mas que precisa ser construído pelo processo de formação dos sujeitos coletivos, sujeitos que lutam para tomar parte da dinâmica social, para se constituir como sujeitos políticos, capazes de influir na agenda política da sociedade.

O destino da educação nos meios rurais encontra-se ainda em um contexto de seguir trazendo para a sociedade estes debates. Silva Júnior e Borges Netto (2011) advogam é de suma importância romper com a visão retrógrada de que o

campo é um lugar atrasado, de ignorância, assim, faz-se necessário como alicerce de superação, humanizar e legitimar as dimensões políticas e pedagógicas da educação básica do campo. Os autores ainda ressaltam a importância de um “projeto educativo que se realize na escola e que esse precisa ser do campo e no campo e não para o campo” (SILVA JÚNIOR; BORGES NETTO, 2011, p. 8).

A educação do campo é uma temática recente e necessária, visto que, como ressaltam Santos e Vinha (2018) ela está muito além somente do ensino, ela é uma maneira para que os sujeitos do campo possam continuar reproduzindo seu modo de vida e se reconhecendo como sujeitos, por isso ela deve ser sempre uma prioridade para as políticas de governo. O tópico seguinte aborda os sujeitos da educação do campo.

2.2 OS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

A educação do campo identifica-se pelos seus sujeitos, pessoas que sentem na própria pele os efeitos desta realidade, na perspectiva de Kolling, Cerioli e Caldart (2002, p. 19):

É preciso compreender que por trás da indicação geográfica e da frieza de dados estatísticos está uma parte do povo brasileiro que vive neste lugar e desde as relações sociais específicas que compõem a vida no e do campo, em suas diferentes identidades e em sua identidade comum; estão pessoas de diferentes idades, estão famílias, comunidades, organizações, movimentos sociais.

Kolling, Cerioli e Caldart (2002) ainda complementam dizendo que educar este povo é a perspectiva da educação do campo, educar as pessoas que trabalham no campo, para que assim elas se articulem, se organizem e assumam a posição de sujeitos da direção de seu destino. Silva et al. (2020) constatarem que o principal desafio para os sujeitos da Educação do Campo é a constituição de uma ciência que estimule o diálogo entre culturas, acadêmica e popular, visando a formação de pessoas que sejam capazes de refletir local e globalmente as questões fundamentais de suas realidades, de maneira conjunta os professores, estudantes, egressos, camponeses e movimentos sociais devem lutar juntos pela consolidação de uma Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) que consiga promover a emancipação social, sociopolítica, cultural e cognitiva dos povos do campo, pelo (re)conhecimento.

Silva Júnior e Borges Netto (2011) esclarecem que a proposta da LEdoC é formar um novo tipo de profissional: um professor crítico, criativo e que tenha a capacitação necessária para provocar as mudanças necessárias na educação que ocorre nas escolas do campo, o paradigma de que os povos do campo não têm direito a uma educação de qualidade. Levando em conta que a “educação do campo também se identifica pela valorização da tarefa específica das educadoras e dos educadores” (KOLLING; CERIOLI; CALDART 2002, p. 25). A Constituição Federal de 1998, no artigo 28, inciso VI, declara o dever de “oferta de ensino regular, adequado às condições do educando” (BRASIL, 1988).

Entende-se que a educação tem de ser desenvolvida de maneira a valorizar todas as características dos sujeitos aos quais se destina. Delboni, Freitas, Daltro (2018) reforçam que para a educação de campo ser efetivada, o professor tem que vestir a camisa da escola onde for lecionar, deve pensar, viver, sonhar e lutar pelas

causas sociais daquele povo tal como fosse um deles, para que assim alunos, pais e demais membros da comunidade rural percebam o professor como um aliado, não como uma pessoa que ao invés de incentivar, poderá desmotivar seus filhos a acreditarem no campo e a lutarem por uma educação de qualidade onde vivem, não importando-se com o número de alunos que estiverem em sala de aula e nem no local onde é localizada a escola.

Segundo Kolling, Cerioli e Caldart (2002) trata-se de combinar pedagogias de modo a criar uma educação que forme e cultive identidades, autoestima, valores, memória, saberes, sabedoria; que consiga enraizar sem acabar fixando as pessoas em sua cultura, seu lugar, seu modo de pensar, de agir, de produzir; trata-se de criar uma educação de projeto movimento, relações e principalmente transformações, educando as pessoas como sujeitos humanos, sociais e políticos.

A escola tem um papel muito importante na construção da identidade de um sujeito no campo, como aponta Caldart (2004), a escola geralmente é um dos primeiros lugares em que a criança tem contato com as relações sociais mais amplas das que vive em família e de uma intencionalidade política e pedagógica dessas relações pode depender muitos dos traços do caráter desse aluno, assim como os valores que assume em sua vida. O próximo tópico discorre sobre as dificuldades, impasses e desafios da educação do campo.

2.3 DIFICULDADES, IMPASSES E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

De acordo com Bönmann (2015) fica claro que é necessário considerar que os problemas da educação no Brasil não estão somente no meio rural, é de senso comum a constatação do caos em todo o país, mas também é verídico que no campo a situação se acentua, na medida em que sistematicamente o mesmo vem sendo desqualificado como prioridade para as políticas públicas.

Gavioli (2016) defende que o Estado tem responsabilidade de resolver os problemas referentes aos alunos residentes no campo, porém, isto não está sendo feito. Delboni, Freitas, Daltro (2018) salientam que o que se vê hoje são escolas com estrutura física sucateada, assim como o mobiliário, tem-se uma aprendizagem que não a desejada e sim o que “se pode” fazer. Os autores supracitados ainda retratam que são pouquíssimas áreas rurais que oferecem ensino além dos anos iniciais, fazendo com que os jovens alunos tenham que deslocar-se do campo para a cidade e, então, mais problemas aparecem no momento em que encontram uma realidade mais distante da sua e ouvirão pouco ou quase nada sobre educação do campo.

Kondo (2014) assinala que o desenvolvimento da educação do campo necessita de apoio das políticas públicas e o Brasil sofre muito com a ausência das mesmas, que aliem a eficácia e a eficiência para que se consiga alcançar uma melhoria em qualidade de vida às pessoas residentes do campo, que ali vivem e trabalham. Tratando sobre políticas públicas, deve-se tratar sobre o transporte escolar rural, enfoque desta pesquisa, que traz um dos principais problemas para a educação do campo. A esse respeito, Pergoretti e Sanches (2005) refletem que mesmo que o transporte escolar seja um instrumento essencial para a democratização da educação, principalmente para os moradores do campo, pode ser prejudicado por inúmeros fatos, tais como: a segregação espacial, a baixa densidade demográfica, as condições econômicas, o estado das vias de trânsito, que geralmente são estradas repletas de buracos, lamaçal, pedras, terra, tornando o serviço ainda mais difícil.

Araújo (2008) comenta que área do campo, os veículos escolares, geralmente, não buscam os alunos na sua casa por inúmeros motivos, como a situação financeira, logo que o transporte escolar trabalha por quilometragem rodada; dificuldade de acesso, devido ao fato que muitas vezes o transporte não consegue chegar até a residência pela baixa densidade demográfica; distância entre a residência e a estrada principal o que causa atraso nas viagens, que já são extremamente longas. Freitas e Battezzati (2011) enfatizam que a má qualidade do transporte escolar afeta diretamente os alunos e professores, a conservação dos veículos e a segurança que o mesmo proporciona, assim como as estradas que trafegam tem de receber a atenção devida por parte das autoridades competentes e ser uma pauta de discussão frequente para que se alcance alguma melhoria.

Monteiro e Monteiro (2018) ressaltam que são pontos de extrema relevância quando se fala nesta temática, a qualidade e a segurança que são oferecidas pelo transporte, de acordo com a Cartilha do Transporte Escolar Rural (2018), a necessidade de elaboração de regras de segurança para os transportes escolares surge da incapacidade do mercado, ou seja, da falha do mesmo em conseguir proporcionar a segurança necessária para o transporte de alunos.

Ainda com base na Cartilha do Transporte Escolar Rural (2018), tem-se como elementos de definição para mensurar a qualidade do serviço que é oferecido: acesso e permanência com segurança desde o momento do embarque até ao desembarque; pontualidade; tempo de estadia dentro da condução; forma de tratamento dos responsáveis, motoristas e ajudadoras para/com os alunos; manutenções regulares e condições de segurança dos veículo e adaptações necessária para o transporte de alunos portadores de necessidades especiais. “Não adianta o município oferecer meios para se chegar às escolas se não garantem o bem-estar e segurança dos alunos” (MONTEIRO, MONTEIRO, 2018, p. 4).

Martins (2010) aponta vários pontos devem ser levados em consideração sobre a qualidade do transporte, como a idade média da frota veicular que influencia no conforto dos alunos, veículos malconservados e velhos associados a estradas precárias, assim como a limpeza dos veículos, a temperatura interna, dadas as condições de ventilação, barulhos, aceleração/desaceleração, que resultam em uma viagem extremamente desagradável e desgastante. O autor supracitado ainda resalta que quanto maior é o tempo destas viagens, pior é o efeito sobre os alunos, porque além de prejudicar o rendimento escolar devido o cansaço, desperdiça tempo de atividades extraclasses e atividades de lazer.

O cansaço dos alunos torna-se uma preocupação, levando em conta que, como apontam Freitas e Battezzati (2011), o longo trajeto e dificuldades enfrentados por muitos estudantes para chegar a escola, acaba por influenciar os discentes em seu desempenho escolar. Pergoretti (2005) resalta que esta não é a realidade desejável, seus estudos demonstram que longos períodos de viagem provocam grande aborrecimento e em consequência perca de concentração em sala e redução de produtividade.

Na visão de Pantoja (2021), as experiências são imprescindíveis para que os alunos continuem frequentando a escola, sabe-se da existência de programas do transporte escolar que existem para a garantia não só do meio de acesso, mas de permanência dos alunos nas escolas, portanto é de extrema necessidade que os gestores políticos e educacionais que estão mais próximos e presenciam os desafios enfrentados pelos discentes, façam com que essa garantia e permanência seja efetivada e atenda de fato os educandos da maneira que necessitam.

Freitas e Batezzati (2011, p. 11) refletem que:

[...] após alguns anos de trabalho no campo podemos ressaltar que o transporte é o problema que mais dificulta o desenvolvimento da educação campestre, pois não há continuidade dos conteúdos ministrados e isto acarreta dificuldades no processo ensino aprendizagem, pois para que o educando seja uma sujeito participativo é preciso que tenha condições adequadas de acesso a escola, bem como, encontre no ambiente escolar educadores motivados, participativos e reflexivos, somente assim os estudantes podem se tornar sujeitos críticos e transformadores de seu local de moradia.

Pantoja (2021) entende que apesar das inúmeras dificuldades diárias enfrentadas, os alunos e seus pais têm como perspectivas que essas condições do transporte escolar melhorem, oferecendo mais segurança, conforto e talvez até que o transporte seja zero quilômetro para se evitar os diversos problemas mecânicos encontrados atualmente, os mesmos esperam ansiosamente ter sua realidade transformada por meio da melhoria nos transportes, para que assim seja menos desgastante alcançar algo simples como estudar, almejando mais oportunidades e uma vida melhor para si próprios e suas famílias. Em continuidade, o capítulo a seguir contempla os procedimentos metodológicos utilizados na presente pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Partindo do objetivo de realizar uma análise do transporte escolar rural na percepção dos alunos adotou-se uma pesquisa de natureza quantitativa. No entendimento de Birochi (2017), a pesquisa quantitativa trata-se de uma investigação empírica e sistemática referente aos fenômenos sociais fazendo uso técnicas estatísticas, matemáticas ou computacionais. Knechtel (2014) complementa que essa é uma modalidade de pesquisa que age sobre um problema humano ou social. Optou-se por esta natureza de pesquisa, visto que a mesma proporcionou traduzir em números os dados coletados e fazer as análises posteriores necessárias, bem como trazer respostas e elucidar eventuais dúvidas.

Quanto a abordagem é descritiva. Gil (2002) comenta que esse tipo de pesquisa visa descrever as características de determinada população ou fenômeno. Prodanov e Freitas (2013) assinalam que neste tipo de abordagem o pesquisador apenas registra e descreve o que foi abordado, sem que interfira neles, visando apenas descrever as características da situação-alvo de pesquisa, utilizando técnicas padronizadas de coleta de dados como o questionário. A escolha desta abordagem está ligada ao fato da mesma auxiliar para na descrição da percepção dos alunos do campo, objetos dessa investigação.

Acerca do procedimento de coleta escolhido escolheu-se o estudo de campo que, conforme Marconi e Lakatos (2003), tem como objetivo o alcance de informações e/ou conhecimentos sobre um problema ao qual busca-se por uma resposta. Prodanov e Freitas (2013) assinalam que este procedimento proporciona ao pesquisador muito mais flexibilidade. Tal procedimento de coleta foi selecionado pois a autora deste artigo foi a campo para a coleta de dados, visitou as escolas camponesas, o que permitiu compreender o problema que é objeto de estudo desta pesquisa, ao ir até o local em que o fato acontece.

Sobre o instrumento de coleta dos dados, escolheu-se o questionário. Gil (2002) afirma que o questionário se torna o meio mais rápido para o alcance de

informações, visto que o mesmo não exige treinamento de pessoal e garante o anonimato do entrevistado. Nesta pesquisa, o questionário utilizado foi elaborado por Pantoja (2021). Destarte, visando o alcance dos objetivos pretendidos nesse estudo, selecionou-se 14 (quatorze) questões assim organizadas: dividido em duas partes, a primeira destinada aos alunos, com 5 (cinco) perguntas referentes aos dados e outras 9 (nove) perguntas de múltipla escolha voltadas a caracterização do deslocamento do discente.

Como técnica de análise dos dados foi utilizada a estatística descritiva que, segundo Sampaio, Assumpção e Fonseca (2018), tem por finalidade o fenômeno estatístico ao qual faz-se a coleta, organização e apresentação dos dados alcançados. No que tange a população-alvo desta pesquisa, salienta-se que são os alunos de 02 (duas) escolas rurais de Santana do Livramento/RS, que foram as quais a autora conseguiu autorização para visitação e uso do transporte escolar pela Secretaria Municipal de Educação do município. Visando preservar a identidade das instituições de ensino no estudo foi adotado um termo genérico para as escolas pesquisadas (Escola A e Escola B).

Ao todo, obteve-se uma amostra não probabilística por acessibilidade composta por 63 (sessenta e três) alunos. O número reduzido de alunos deve-se ao fato que mesmo que os questionários tenham sido aplicados em 02 (duas) escolas, há poucos alunos matriculados nas mesmas e optou-se pela aplicação dos questionários nos alunos mais velhos da escola, que estão cursando do 6 o ano ao 9 o ano, levando em consideração a complexidade das perguntas e a compreensão dos pesquisados sobre elas. Os questionários foram aplicados no mês de novembro do presente ano. A seguir, o próximo capítulo apresenta a análise e discussão dos resultados obtidos nesta pesquisa.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A caracterização dos 63 (sessenta e três) pesquisados segue no Quadro 1.

Quadro 1 – Caracterização dos pesquisados

Sexo	Frequência	Percentual
Masculino	29	46,0%
Feminino	34	54,0%
Total	63	100%
Idade	Frequência	Percentual
De 11 a 13 anos	28	44,4%
De 14 a 16 anos	32	50,8%
De 17 a 19 anos	3	4,8%
De 20 anos ou mais	0	0,0%
Total	63	100%
Escola	Frequência	Percentual
Escola A	41	65,1%
Escola B	22	34,9%
Total	63	100%
Série que está cursando	Frequência	Percentual
6�o ano	17	27,0%
7�o ano	13	20,6%
8�o ano	22	34,9%
9�o ano	11	17,5%
Total	63	100%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2022).

Pode-se verificar no Quadro 1 que 54,0% dos pesquisados são do sexo feminino, 50,8% tem de 14 a 16 anos, 34,9% estão cursando o 8º ano e a maioria dos alunos pertencem a Escola A. Quanto aos veículos utilizados para o transporte escolar, visualiza-se no Quadro 2.

Quadro 2 – Veículo utilizado para o transporte escolar

Veículo	Frequência	Percentual
Ônibus	42	66,7%
Van	9	14,3%
Kombi	12	19,0%
Outro	0	0,0%
Total	63	100%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2022).

Conforme exposto no Quadro 2, o que se sobressaiu como veículo utilizado para o transporte escolar – com 66,7% de percentual – destaca-se o ônibus, após tem-se com 19,0% a Kombi e com menor percentual, de apenas 14,3%, a Van. Em seus estudos, Pinho (2019) encontrou um resultado semelhante, onde de forma geral os estudantes são transportados de ônibus. A diferença para esta pesquisa está no fato de que ele diz que os veículos são antigos e de certa maneira ruins, enquanto neste estudo o transporte utiliza veículos mais conservados e de boa qualidade. Por isso, Silva (2018) ressalta que é necessário questionar sobre o tipo de veículo utilizado, para saber se o mesmo é adequado para o tipo de estrada percorrida. Sobretudo, considerando a importância de manter o veículo utilizado sempre limpo e organizado para receber os alunos. Além de cuidar da limpeza e aparência do veículo, deve-se cuidar também das suas condições internas, fazendo manutenções periódicas, que mantenham a segurança de todos, prevenindo acidentes, e assim, evitando que o veículo estrague durante o percurso.

Quanto ao acesso ao transporte escolar, obteve-se duas respostas: 44,4% mencionaram que é feito na porta de casa e 55,6% afirmaram ser noutro ponto de embarque, como rodovia ou estrada. Os alunos ao terem que pegar o transporte em outro ponto de embarque ficam expostos ao perigo. A esse respeito, Jesus (2020) alerta que a segurança das crianças se enquadra nos deveres municipais, mas, mesmo assim, às vezes ocorrem falhas na garantia e segurança dos alunos. No Quadro 3 verifica-se como é realizado o trajeto até o ponto de embarque no transporte escolar.

Quadro 3 – Como é realizado o trajeto até o ponto de embarque no transporte escolar?

Trajetos até o ponto de embarque	Frequência	Percentual
A pé	58	92,1%
Bicicleta	0	0,0%
Moto	2	3,2%
Outro	3	4,8%
Total	63	100%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2022).

Dentre as opções expostas no Quadro 3, o que se sobressaiu foi a que os alunos fazem o trajeto a pé, com 92,1%. Jesus (2020) ressalta que embora o transporte facilite a ida da criança até a escola, há dificuldade para o aluno, ao caminhar muito para chegar ao ponto de ônibus, o que impossibilitaria a ida a escola em algumas situações como em um período chuvoso.

Ademais, na opção “outro” – com percentual de 4,8% – destaca-se que 02 (dois) mencionaram que fazem o trajeto de carro e 01 (um) que utiliza o cavalo para tal deslocamento, uma resposta atípica para quem é morador da cidade, mas normal para quem mora no campo. Por um lado, mesmo o transporte sendo realizado na sua maioria a pé, dos pesquisados, 87,3% responderam que não há nenhum tipo de dificuldade no deslocamento entre a sua casa e o ponto de embarque.

Por outro lado, os pesquisados que responderam que havia dificuldades nesse deslocamento – com percentual de 30,2% – manifestaram a questão da poeira no trajeto percorrido. No juízo de Gavioli (2016) isto torna-se um problema, visto que a espera pelo transporte em locais empoeirados faz com que os alunos cheguem sujos à escola, bem como após embarcarem a poeira impossibilita a abertura das janelas do transporte por questões respiratórias.

Outrossim, 01 (um) apontou a questão de a estrada ser de pedra e 02 (dois) pesquisados mencionaram a questão de assalto, o que é algo que merece atenção por parte do governo. Embora sejam apenas 02 (dois) alunos, ainda assim, são duas pessoas que possuem esse medo e, como citado anteriormente a respeito dos deveres municipais para/com os alunos, como cita Miranda (2016, p. 02) “é dever da municipalidade, ações fiscalizadoras para dar mais segurança aos alunos e tranquilidade aos pais, que deixam aos cuidados das empresas de transporte os seus filhos”.

É válido ressaltar que com a utilização do estudo de campo, tornou-se mais simples entender algumas respostas obtidas, logo, quando os alunos mencionam assalto, referem-se ao fato de que os mesmos esperam pelo transporte cedo da manhã, em lugares perigosos, como é o caso dos que esperam próximo ao Presídio Estadual, um local perigoso, pois não possui grande movimentação de pessoas, principalmente cedo da manhã.

Quando questionado se há atraso para chegar à escola por causa do transporte escolar, 73,0% dos pesquisados responderam que não. Ademais, vinculado a esta pergunta tem-se outra que se aprofunda no questionamento. Sendo assim, salienta-se que 28,8% dos pesquisados afirmam que o atraso ocorre porque o transporte não chega no horário combinado, enquanto 19,0% dizem que é porque o transporte quebra no meio do caminho, e ainda, no que se refere ao motivo pelo qual pode ocorrer o atraso, 01 (um) aluno alegou que se deve ao fato da estrada ser ruim.

Cabe ressaltar que ambas as situações supracitadas estão relacionadas as condições da estrada pela qual o transporte tem de percorrer, porque embora o veículo utilizado seja de boa qualidade, quando as estradas estão em péssimas condições de tráfego situações como quebra do veículo são quase que inevitáveis. Conceição (2019) encontrou um resultado semelhante e enfatiza que os atrasos decorrem das condições do trajeto, tornando assim, as estradas não pavimentadas um dos principais obstáculos do transporte escolar rural.

Em seguida, quando questionado se o transporte escolar costuma faltar 98,4% dos alunos afirmam que não. O que é uma realidade diferente da que foi constatada em outras pesquisas, como nos estudos de Silva e Arnt (2008) e Gavioli (2016), ambos em seus trabalhos descrevem como parte da rotina dos educandos rurícolas a perda de aulas pela falta de transporte.

No Quadro 4 pode-se visualizar como o aluno sente-se ao chegar à escola.

Quadro 4 – Quando você chega à escola, como você se sente?

Chegada na escola	Frequência	Percentual
Cansado	14	22,2%
Enjoado	4	6,3%
Com dor de Cabeça	5	7,9%
Desatento	1	1,6%
Indisposto	4	6,3%
Com sono	26	41,3%
Não sinto nada. Estou bem.	31	49,2%
Total*	63	–

*A quantidade de citações é superior à quantidade de observações devido às respostas múltiplas

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2022).

O Quadro 4 revela que 49,2% dos pesquisados dizem não sentir nada e sentem-se bem ao chegar à escola, já 41,3% dizem sentir sono e 22,2% alegam estarem cansados, o que em boa parte está atrelado a fazerem o deslocamento a pé até o ponto de embarque e acordarem muito cedo para isso. Logo, isso acaba prejudicando o desempenho escolar, bem como apurado durante o estudo de Anselmo Filho e Nogueira (2022), o aprendizado está interligado em como o aluno chega à escola, então, como dormiu pouco em função de ter que acordar cedo, chega cansado e isso irá influenciar suas atividades, visto que, a hora do sono diminui, o corpo sofre e a mente enfraquece.

Portanto, verificou-se que, mesmo com a oferta do transporte escolar e o alcance de resultados positivos no município de Santana do Livramento/RS, ainda há inúmeros obstáculos a serem vencidos, visto que, os educandos do campo ainda passam por várias situações difíceis para conseguir frequentar à escola e muitas delas são agravantes para que o rendimento escolar seja comprometido. A seguir, o próximo capítulo apresenta as considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo realizar uma análise do transporte escolar rural na percepção dos alunos com o intuito de entender melhor esta realidade. Nesse sentido, quanto a conhecer como é o acesso dos estudantes ao transporte rural, apurou-se que os estudantes são transportados de ônibus e que os veículos se encontram em bom estado de conservação. A respeito do acesso ao transporte escolar, o que se sobressaiu foi o acesso em outro ponto de embarque, como rodovia ou estrada e esse trajeto é feito a pé.

Sobre identificar as dificuldades encontradas pelos discentes, a partir do estudo realizado, verificou-se que há algumas dificuldades a serem ultrapassadas, como o fato de os alunos ficarem expostos ao perigo quando tem de esperar pelo transporte em outros locais e não na porta de casa. Isso fica claro quando eles destacam sentir medo de serem assaltados. Além de que, ao ter que caminhar para chegar ao ponto de embarque, os mesmos têm de acordar mais cedo, o que causa sono e a caminhada os deixando cansados, os alunos também reclamaram da poeira que os deixa sujos.

Outra dificuldade encontrada é que mesmo que o transporte não costume faltar, algumas vezes ocorrem atrasos, devido as condições das vias de acesso que tem de ser percorridas pelo transporte. Embora o veículo esteja boas condições, se

as estradas estiverem ruins haverá atraso em função dessa dificuldade em percorrer o trajeto e também ocasionar a quebra do veículo durante o percurso até a escola.

O trabalho buscou ainda apurar em que condições o aluno está ao chegar à escola e nesse item identificou-se os discentes alegam estarem cansados, o que pode estar relacionado a questão do trajeto a pé até o ponto de embarque que os mesmos percorrem diariamente. Além disso, relataram sonolência o que pode estar atrelado ao fato de dormirem pouco, uma vez que eles precisam acordar cedo para ir até o ponto de embarque, e também, terem que percorrer um longo trajeto no transporte até a escola. Tais resultados geram uma preocupação quanto ao desempenho escolar desses alunos dadas as condições que os mesmos estão ao chegarem em sala para a aula.

A partir dos resultados obtidos nesse estudo, constatou-se que o município de Santana do Livramento/RS, embora possua resultados positivos se comparado a outros municípios, ainda assim, possui problemas que merecem a atenção das autoridades responsáveis pelo serviço de transporte escolar. Destarte, recomenda-se aos gestores públicos que os veículos do transporte escolar sejam equipados com câmeras de monitoramento, com a instalação de um sistema que proporcione maior segurança durante o transporte escolar dos alunos. Isso porque, caso haja algum incidente durante o percurso, ao instalar um gravador de vídeo digital veicular, será mais fácil avaliar o que aconteceu. Além disso, realizar a manutenção das estradas durante o ano todo, o que impedirá atrasos decorrentes das condições de tráfego das estradas. Ademais, sugere-se buscar uma nova rota de transporte que permita aos alunos o transporte na porta de casa, prezando pela segurança e bem-estar dos mesmos.

Quando se pensar transporte escolar rural, destaca-se que a garantia desse serviço foi uma grande conquista e avanço para os sujeitos do campo, proporcionando muitos benefícios, porém, ainda há muitos desafios a serem vencidos. Deve-se pensar que ele existe para os usuários, em primeiro lugar, portanto, há sempre o que melhorar. Pode-se dizer que se trata de um processo de melhoria contínua, logo, espera-se que os resultados alcançados venham a auxiliar o município a fazer as mudanças e aprimoramentos necessários.

Ao findar esse estudo, como limitações pode-se citar a questão de acessibilidade as escolas, o que possibilitou o acesso a apenas 02 (duas) instituições de ensino por serem localizadas em áreas rurais situam-se muito distantes do município. Por sua vez, isso repercutiu também no número de alunos pesquisados, visto que as escolas do campo, de maneira geral, possuem poucos alunos matriculados.

Por fim, com a realização desta pesquisa, foi possível conhecer a realidade do transporte escolar rural que é ofertado aos alunos residentes em áreas rurais no município de Santana do Livramento/RS. Porém, ainda há a necessidade de novos estudos voltados aos estudantes do campo e que deem continuidade a esta pesquisa, visto que essa temática merece a atenção dos gestores públicos. Destarte, ficam como sugestões para trabalhos futuros, analisar a percepção dos professores e dos pais dos alunos usuários do transporte escola rural; bem como estudar como é o cotidiano das crianças usuárias do transporte escolar rural, e ainda, investigar como o transporte escolar rural influencia no aprendizado do aluno.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Maria Fernanda dos Santos. Educação do campo e a formação de professores: construção de uma política educacional para o campo brasileiro. **Ciência & Trópico**, Recife, v. 34, n. 2, 2013.
- ANSELMO FILHO, Samuel; NOGUEIRA, Eulina Maria Leite. Enfrenta o banheiro que hoje tem aula. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 233-248, nov. 2022.
- ARAÚJO, Carlos Eduardo Freire. Análise de eficiência nos custos operacionais de rotas do transporte escolar rural. 2008. 147 f. **Dissertação** (Mestrado em Transportes) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- BEZERRA NETO, Luiz. Educação do campo ou educação no campo? **Revista Histedbr On-Line**, Campinas, v. 10, n. 38, p. 150, 23 ago. 2012.
- BIROCHI, Renê. **Metodologia de estudo e de pesquisa em administração**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração, 2017. 120 p.
- BÖNMANN, Patricia Angélica. Realidades das escolas do campo: um olhar crítico sobre espaços físicos, descasos, construção de políticas públicas e proposta pedagógica. 2015. 58 f. **Monografia** (Habilitação em Pedagogia) – Curso de Pedagogia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2015.
- BRANDÃO, Elias Canuto. A educação do campo no Brasil e desenvolvimento da consciência. **Seminário do Trabalho: Trabalho e Políticas Sociais no Século**, v. 21, n. 8, 2012.
- BREITENBACH, Fabiane Vanessa. A educação do campo no Brasil: uma história que se escreve entre avanços e retrocessos. **Revista Espaço Acadêmico**, Santa Maria, v. 11, n. 121, p. 116-123, fev. 2011.
- CALDART, Roseli Salete. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. **Trabalho, Educação e Saúde**, Manguinhos, v. 7, n. 1, p. 35-64, jun. 2009.
- CALDART, Roseli Salete. Elementos para construção do projeto político e pedagógico da educação do campo. **Revista Trabalho Necessário**, São Domingos, v. 2, n. 2, p. 1-16, 30 maio 2018.
- CONCEIÇÃO, Viviane Fernandes da. Educação do campo e transporte escolar: dificuldades enfrentadas pelos alunos da zona rural do município de monte alegre de goiás. 2019. 90 f. **Monografia** (Especialização) – Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal do Tocantins, Arraias, 2019.
- DELBONI, Célia; FREITAS, Adeilson Antonio de; DALTRO, Marcos Luiz Medrado. A educação no campo e suas dificuldades. **Cadernos Camilliani**, Cachoeiro de Itapemirim, v. 15, n. 1, p. 13-25, abr. 2018.
- FREITAS, Dulceli Pierin de; BATTEZZATI, Silma Cortes da Costa. O transporte escolar e sua influência no aprendizado do aluno do campo. **Monografia**

(Especialização em Educação do Campo) – Curso de Especialização em Educação do Campo – Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2011.

GAVIOLI, Edilene Vargas. O cotidiano das crianças usuárias do transporte escolar e a educação do campo em Burity/RO. 2016. 64 f. **Monografia** (Especialização Licenciatura Pedagógica) – Curso de Licenciatura em Pedagogia – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Ariquemes, 2016.

GHIRALDELLI JUNIOR. Paulo. **História da educação brasileira**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002. 176 p.

JESUS, Cíntia Bispo de. O transporte escolar de estudantes da zona rural: dificuldades e desafios enfrentados no percurso. 2020. 46 f. **Monografia** (Graduação em Pedagogia) – Curso de Pedagogia – Universidade Federal do Tocantins, Arraias, 2020.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação**: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba: Intersaberes, 2014. 193 p.

KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. **Por uma educação do campo**. Brasília: Articulação Nacional, 2002. 92 p.

KONDO, Pedro Kiochi. Educação no campo: limites e possibilidades. 2014. 32 f. **Monografia** (Especialização em Coordenação Pedagógica) – Curso de Coordenação Pedagógica – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 310 p.

MARTINS, Ana Paula Antunes. Análise dos impactos das condições do transporte escolar rural no rendimento escolar dos alunos. 2010. 126 f. **Dissertação** (Mestrado em Transportes) – Curso de Mestrado em Transportes – Engenharia Civil e Ambiental, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MONTEIRO, Flavianne Rodrigues; MONTEIRO, Sônia Rodrigues. A qualidade do transporte público escolar aos alunos do ensino fundamental no município de Itaocara-RJ. 2018. 14 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Administração) – Curso de Administração, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2018.

MUNARIM, Antonio. Trajetória do movimento nacional de educação do campo no Brasil. In: MEURER, A. C. (Org.) **Dossiê**: educação no campo. **Revista do Centro de Educação**, Santa Maria, v. 33, n. 1, 2008.

PALARO, Kleber Leonardo. Análise de custos do transporte escolar rural do município de Derrubadas/RS. 2017. 32 f. **Monografia** (Especialização em Engenharia de Produção) – Curso de Engenharia de Produção – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2017.

PANTOJA, Eliane Vieira. Desafios e perspectivas do transporte escolar rural: comunidade Vila Maracá, Mazagão, Amapá. 2021. 53 f. **Monografia** (Especialização em Licenciatura em Educação do Campo) – Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Universidade Federal do Amapá, Mazagão, 2021.

PERGORETTI, Michela Sagrillo. Definição de um indicador para avaliar a acessibilidade dos 23 alunos da zona rural à escola da zona urbana. **Dissertação** (Mestrado em Engenharia Urbana) – Universidade de São Carlos, São Carlos, 2005.

PERGORETTI, Michela Sagrillo; SANCHES, Suely da Penha. Dicotomia rural x urbana e segregação sócio-especial: uma análise da acessibilidade ligada à problemática do transporte dos estudantes do campo. Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 11., 2005, Salvador. **Anais...** Salvador: ANPUR, 2005.

PINHO, Anselmo Costa. Transporte escolar rural e as implicações no processo de aprendizagem: estudo de caso na escola pública princesa izabel em fordlândia no município de Aveiro-Pará. 2019. 51 f. **Monografia** (Especialização em Licenciatura Plena) - Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Faculdade de Itaituba, Itaituba, 2019.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2015**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 277 p.

ROCHA, Eliene Novaes; PASSOS, Joana Célia dos; CARVALHO, Raquel Alves de. Educação do Campo: um olhar panorâmico. **Mídia educação para a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

SAMPAIO, Nilo Antônio de Souza; ASSUMPÇÃO, Alzira Ramalho Pinheiro de; FONSECA, Bernardo Bastos da. **Estatística descritiva**. Belo Horizonte: Poisson, 2018. 70 p.

SANTOS, Iraci Santana dos; PINHEIRO NETO, Nelson. Evasão Escolar: estudo acerca do processo de evasão escolar dos alunos do ensino fundamental menor na zona rural de uma escola da Rede Municipal de Ensino em São Domingos do Capim/PA2 017. 46 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Pedagogia) - Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2017.

SANTOS, Patrícia; VINHA, Janaina Francisca de Souza Campos. Educação do/no campo: uma reflexão da trajetória da educação brasileira. In: SIMPÓSIO SOBRE REFORMA AGRÁRIA E QUESTÕES RURAIS, 8., 2018, Araraquara. **Anais...** Araraquara: Uniara, 2018. p. 1-11.

SILVA JÚNIOR, Astrogildo Fernandes da; NETTO, Mário Borges. POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO: percursos históricos e possibilidades. **Revista Eletrônica de Culturas e Educação**: Caderno temático: Cultura e Educação do Campo, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 45-60, nov. 2011.

SILVA, André Luiz Batista da; SOUZA, Maria Antônia de. Educação do campo em perspectiva historiográfica nos periódicos de História da Educação. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 1-23, out. 2021.

SILVA, Daniele Cavalcante da. Diagnóstico de qualidade no transporte escolar rural público no município de Santo Amaro - BA. 2018. 43 f. **Monografia** (Especialização em Gestão Pública Municipal) - Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Pública Municipal, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2018.

SILVA, Ester Simão Lopes; ARNT, Ana de Medeiros. O acesso às escolas do campo e o transporte escolar. 2008. 11 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Ciências Biológicas) - Curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas, Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra, 2008.

SILVA, Maria do Socorro. **Educação do Campo e Desenvolvimento**: uma relação construída ao longo da história. 2004. Disponível em: <http://www.contag.org.br/imagens/f299Educacao_do_Campo_e_Developolvimento_Sustentavel.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2022.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO DESTINADO AO ALUNO

Parte A – DADOS DO ALUNO

1. Sexo: Masculino Feminino
2. Idade: _____
3. Escola: _____
4. Série que está cursando: _____
5. Local da Residência: _____

Parte B – CARACTERIZAÇÃO DO DESLOCAMENTO DO ALUNO

6. Qual veículo utilizado para o transporte escolar?
 Ônibus Van Kombi Outro. Qual? _____
7. O acesso ao transporte escolar é feito:
 Na porta de Casa Noutro ponto de embarque, como rodovia, estrada
8. Como é realizado o trajeto até o ponto de embarque do transporte escolar?
 a pé bicicleta moto outro. Qual? _____
9. O deslocamento entre sua casa e o ponto de embarque apresenta alguma dificuldade? sim não
10. Caso a resposta anterior seja "sim". Qual? (pode marcar mais de uma alternativa)
 poeira
 ladeira
 lama
 buraco
 outro. Qual? _____
11. Você chega atrasado à Escola por causa do transporte escolar?
 sim não
12. Caso a resposta anterior seja "sim". Por que? (pode marcar mais de uma alternativa)
 não passa no horário combinado
 quebra no meio do caminho
 outro motivo. Qual? _____
13. O veículo escolar costuma faltar?
 sim não
14. Quando você chega à escola, como você se sente? (pode marcar mais de uma alternativa).
 cansado
 enjoado
 com dor de cabeça
 desatento
 indisposto
 com sono
 não sinto nada. Estou bem.